

Quittez le ros' quittez le gris,  
 Prenez le noir, pour mieux choisi'.  
 — Or dites-moi, mère, m'amie,  
 Qu'ai-je donc à pleurer ici ?  
 « Ma fille, je ne puis plus vous l'cacher,  
 Renaud est mort et enterré.  
 — Terre, ouvre-toi, terre, fends-toi,  
 Que j'rejoigne Renaud, mon roi !

Terre s'ouvrit, terre fendit  
 Et la belle fut engloutie. (1)

O Conde Nigra, na *Romania* (vol. 11, pag. 391) publicou uma serie de versões piemontezas; uma d'ellas, a IV, começa como a portugueza:

Ven de la cassa lo Re Rinaldi,  
 Ven de la cassa, l'é tut feri

Na Bretanha este romance tem o titulo de *Conde Nann*. (*Rev. politique e litteraire*, vol. 11, p. 834.)

## § II—Cyclo da Esposa infiel

1. **Conde de Alemanha** — (*Romanceiro*, vol. II, p. 1 a 27.)  
 — O titulo d'este romance apenas alterado em a *Rainha descoberta*, (Elvas) contém um sentido social ainda conservado no titulo com que é conhecido na ilha da Madeira, *Conde de Aramanha e Conde de Germanha*. Fallando das *Hermmandades* escrevemos: «O nome de *Arimania* e *Ariman*, que na lingua hespanhola se conserva em *germania*, *hermandad*. . . As *Hermmandades* tornaram-se um poderoso elemento de ordem na peninsula, mas algumas vezes foram cúmplices dos crimes da realza. Em uma canção de Ayras Nunes (*Canc. Vat.*, n.º 455) as *Hermmandades* são envolvidas tambem no quadro da corrupção geral. As *Irmandades* tinham por norma o recusar abrigo aos malfetores, resolverem as suas questões pelo julgamento dos tribunaes; estas ligas tornaram-se um elemento de organização civil; o sino (*campana*) da sua egreja é que as convocava, e debaixo das carvalheiras do adro se davam as sentenças.» (*Canc. da Vaticana*), p. XXXIX). Não se tratava de um conde da Allemanha, mas do chefe da *Arimania* ou

(1) Ap. Ampère, *Instructions relatives aux Recueil de Poesies populaires de la France*.



*Germania*, que era a confraternidade de homens livres ante o poder feudal, que veio a decahir e a confundir-se com os leudes (*Arm-leute*, ou abreviadamente *Arlot*.) Em 1845 escrevia J. J. de S. P., na *Revista litteraria do Porto*, t. 12, 2.ª série, p. 121: «Grande nacionalidade peninsular se descobre no lindo romance do *Conde d'Alemanha*, romance que muitas vezes temos ouvido cantar em portuguez e com muita graça na provincia do Minho, pelas visinhanças da Villa de Guimarães (hoje cidade) e pelas immediações de Landim, perto da confluyente dos Rios Ave e Visella, aonde arranjámos um bom peculio de antigas trovas e cantigas populares, todas compostas em metros octonarios.» O mesmo colleccionador diz que se encontram estes romances «com especialidade na bocca das velhas criadas, que muitas vezes costumam cantar ás criancinhas e para entreter os rapazes.» Faz lembrar a scena da Ama na *Rubena* de Gil Vicente. Do Conde de Allemanha escreveu Garrett: «Facto conhecido da historia de Portugal ou de outra parte de Hespanha, não sei que o memore este romance.» (Rom., II, 79.) Don Agustin Duran falando da versão castelhana: «Tiene este romance antiquissimo alguna analogia con el historico del Conde Garci-Fernandes; pero uno y otro mas parecen tomados de una fabula caballeresca, que no de un hecho verdadero.» (*Romancero general*, n.º 305.) As versões de Traz-os-Montes e Beira Baixa cheias de repetições dithyrambicas, são o que ha de mais pittoresco na inspiração popular; é n'essas formas dithyrambicas que borda a capricho, libertando-se da assonancia forçada. E' a parte movel por onde a variante vai de geração em geração modernizando o romance. Nas versões da ilha de Sam Jorge (Açores) a da Urzelina apresenta essas repetições acintosas e insistentes que traduzem o animo da filha que convida a rainha para vêr o saimento do Conde.

Eis a versão castelhana do seculo XVI:

### El Conde Aleman

A tan alta va la luna,  
 Como el sol a medio día;  
 Quando el buen conde Aleman  
 Y con la reyna dormia;  
 No lo sabe hombre nascido  
 De quantos en corte avia,  
 Sino era la infanta  
 Aquessa infanta su hija.  
 Y su madre le hablava,  
 Desta manera decia:



—Quando vieredes, infanta,  
Quando vieredes, encobrido;  
Davos ha el conde Aleman  
Un manto de oro fino.  
«Mal fuego lo queme, madre,  
El manto de oro fino,  
Quando en vida de mi padre  
Tuviese padrasto vivo.

De alli se fuera llorando,  
El rey su padre la ha visto :

—«Porque llorays, la infanta,  
Deci quien llorar os hizo ?  
«Yo me estava aqui comiendo  
Comiendo sopas de vino;  
Entró el Conde Aleman  
Y écholas por el vestido.  
—«Calleys, mi hija, calleys,  
No tomeys desso pesar,  
Que el Conde es niño y muchacho  
Hazer lo ya por burlar.  
«Mal fuego quemasse, padre,  
Tal reyr y tal burlar,  
Quando me tomó en sus braços,  
Comigo quizo holgar.  
—«Si el os tomó en sus braços,  
Y con vos quizo holgar,  
En antes que el sol saliesse  
Y lo mandaré matar.

(*Cancionero de Romances*. Anvers, 1555. — Jacob Grimm,  
*Silva de Romances viejos*, p. 227.)

Na versão trasmontana de Carviçaes vem como castigo  
do Conde :

—Cal'-te lá, oh minha filha,  
Nã o queiras duvidar :  
Nas cordas d'esta guitarra  
Eu o mando enforçar.

(*Rom. trasmontano*, n.º 81. Rev. lusit., vol. IX, p. 311.)

Liga-se esta circumstancia á contaminação com o romance  
da *Silvana*; e mesmo com este titulo apparece muito desen-  
volvido na versão do Algarve (*Revista lusitana*, vol. III, pag.



151 a 155); a lição açoriana de Rosaes (ilha de Sam Jorge) terminava com o fecho do romance da *Sylvana*, pela tendência do syncretismo que se passa na memoria do povo em que certos versos se convertem em modismos e traços imprescindiveis. Em duas versões de Lagos (Algarve) tem o titulo de *Conde de Lamenha*, (*Rev. lusit.*, vol. VI, p. 151 a 155) e tambem *A Condessa*. (ib., n.º 156 a 161.)

Nos *Cantos tradicionaes dos Judeus de Levante*, n.º 6, tem o titulo de *El Conde Aliman*; (*Antologia de Poetas*, t. X, p. 307, de Menéndez y Pelayo), é uma syncretisação com o romance do *Conde Olinos*:

En el vergel de la reina  
crescia un buen rosal;  
en la ramica mas alta  
un ruscion senti cantar.  
La reina estaba labrando,  
la hija durmiendo está.

—Alevanteis, la mi hija,  
de vuestro dulce folgar,  
sentiredes como canta  
la serenica de la mar.  
«Non es la serena, mi madre,  
si non el es Conde Alimán;  
que el Conde es niño y muchacho,  
con mi quijo burlar.  
—Si esto es verdad, mi hija,  
yo lo mandaré á matar.  
«Non lo mateis, la mi madre,  
ni mandeis á matar;  
que el Conde es niño é muchacho,  
el mundo quiere gosar;  
si lo matas, la mi madre,  
á mi y á él embarabar (enterrar).

La reina, que de el mal tenga,  
presto lo mandó á matar.

2. Dona Alda — D. Aldonso — D. Alberto — Flor de Marilia — (*Romanceiro*, vol. II, p. 29 a 34.) — Este thema corrente na tradição asturiana, catalã, andalusa e betico extremenha, estava representado no *Romanceiro* portuguez com versões insulanas (Madeira e Açores; só muito tarde é que foram publicadas duas versões de Traz-os-Montes, com o ti-



ROMANCEIRO GERAL PORTUGUEZ

II

ROMANCES DE AVENTURAS

§ II— *Cyelo da Esposa infiel*

1

O CONDE DE ALLEMANHA

(Versão da BEIRA ALTA)

Já lá vem o sol na serra,<sup>1</sup>  
Já lá vem o claro dia,  
E inda o conde de Allemanha  
Com a rainha dormia.  
Não o sabe homem nascido  
De quantos na côrte havia;  
Só o sabia a infanta,<sup>2</sup>  
A infanta sua filha.

—Não n'as chegue eu a romper<sup>3</sup>  
Mangas da minha camisa,

<sup>1</sup> Já o sol dá na vidraça—*Ribatejo*.

<sup>2</sup> Sabia-o Dona Silvana—*Minho*.

Sabia-o Dona Bernarda—*Beir'alta*.

<sup>3</sup> Mangas da minha camisa,

Não n'as chegue eu a romper,

Se em vindo meu pae da missa

Logo lh'o não fôr dizer—*Minho*.

7. Braga

7 II p. 1.

Se em vindo meu pae da caça  
Eu logo lh'o não diria.  
«Cal'-te, cal'-te lá, infanta,  
Não digas tal, minha filha,  
Que o conde de Allemanha  
De oiro te vestiria.

—Não quero vestidos de oiro;<sup>1</sup>  
Máo fogo em quem n'os vestira!  
Padrasto com meu pae vivo,  
Nunca eu o consentiria.

Palavras não eram ditas,  
El-rei que á porta batia.

—Deus venha c'o senhor pae  
E o traga na sua guia!  
Tenho para lhe contar  
Um conto de maravilha.  
Estando eu no meu tear<sup>2</sup>  
Sêda amarella tecia,  
Veiu o conde de Allemanha  
Tres fios d'ella me tira...

—«Cal'-te d'ahi, minha filha,  
Ninguem te oia dizer tal:  
Que o conde de Allemanha  
E' menino, quer brincar.

—Arrenego dos seus brincos<sup>3</sup>

---

1 Não quero vestidos de oiro,  
Pois os tenho de damasco:  
Inda tenho meu pae vivo,  
Já me querem dar padrasto—*Ribatejo, Trax-os-Montes, Beir'-*

2 Estando eu no meu tear *alta.*  
Tecendo sêda amarella,  
Veiu o conde d'Allemanha  
Tres fios me tirou d'ella—*Porto*

3 Arrenego de tal conde—*Baixa-baixa*



Mais do seu negro folgar!  
 Que me tomou nos seus braços,  
 A' cama me quiz levar.  
 — Cala-te já, minha filha,  
 Ninguém te oiga mais fallar;  
 Que antes que o sol se ponha  
 Vae o conde a degolar.

Veis-lo conde de Allemanha,  
 Veis-lo, vae a degolar;  
 Ao rabo do seu cavallo  
 Lá o levam a arrastar.

— Venha cá, senhora mãe,<sup>1</sup>  
 Venha ao mirante folgar,  
 Veja um conde tão formoso  
 Que ahí vae a degolar.  
 «Mal haja, filha, o meu leite,  
 Mais quem t'ó deu de mamar,  
 Que a um conde tam bonito  
 A morte foste causar.  
 — Cal'-se d'ahi, minha mãe,  
 Ninguém lhe oiga dizer tal,  
 Que a morte que o conde leva  
 Não lh'a faça eu levar.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Aqui as variantes são innumerables :

Venha cá, senhora mãe,  
 Para á janella do meio,  
 Vêr o conde de Allemanha  
 Enfeitado de vermelho.  
 Venha cá, senhora mãe,  
 A' janella do quintal,  
 Vêr o conde de Allemanha  
 Como vae a degolar.

Venha cá, oh minha mãe,  
 Venha á janella do canto,  
 Venha vêr o senhor conde  
 Como lhe parece o branco.  
 Venha vêr, oh minha mãe,  
 A' janella do pço,  
 Venha vêr o senhor conde  
 Com uma corda ao pescôço.

<sup>2</sup> Algumas cópias, especialmente as de Beir'alta e Ribatejo :

N'uma campa raza e triste  
 Já o deixam enterrado ;



**Conde de Allemanha***(Versão da BEIRA-BATXA)*

Já o sol nasce na serra,  
Já lá vem o claro dia,  
Inda o Conde de Allemanha  
Com a rainha dormia;  
Não o sabia o rei,  
Nem quantos na còrte havia,  
Sabia-o só a princesa  
Juliana, sua filha.

—Juliana, se o sabes,  
Não o queiras descobrir;  
Porque o Conde é muito rico,  
De ouro te hade vestir.  
«Não quero seus fatos de oiro,  
Já os tenho de damasco;  
Inda meu pae não é morto,  
Já me querem dar padraсто!  
As prégas d'esta camisa  
Eu não as chege a fazer,  
Quando meu pae vier da missa  
Se eu lh'o não fôr dizer.  
As prégas d'esta camisa  
Não as chegue eu a acabar,  
Em meu pae vindo da missa  
Se lh'o eu não fôr contar.

---

Pozeram-lhe á cabeceira  
Um letreiro bem lavrado,  
Para quem passar que diga :  
—Aqui jaz o malfadado,  
Que morreu de mal de amores,  
Que é mal desesperado.—



Estando n'estas rasões  
O pae á porta batia :

- «Oh, que rasões serão essas  
Entre uma mãe e a filha ?  
«Com bem venha, senhor pae,  
Com Deus seja a sua vinda ;  
Tenho para lhe contar  
Um conto de maravilha :  
Estando eu no meu tear,  
Tecendo cambraia fina,  
Veiu o Conde de Allemanha...  
—«Algun fio te quebraria ?  
Não te zangues, minha filha,  
Nem me faças tu zangar,  
Porque o Conde é divertido,  
Talvez fosse por brincar.  
«Mal o hajam os seus brincos,  
Mais o seu negro brincar ;  
Que me pegou por um braço  
E á cama me quiz levar.  
—«Accommoda-te pois, filha,  
Não me faças mais zangar,  
Amanhã por estas horas  
Vae o Conde a degolar.  
«Levante-se, minha mãe,  
Venha ver a bizarria !  
E o Conde de Allemanha  
Tambem vae na companhia,  
Com a cabeça n'um prato,  
E o sangue n'uma bacia.  
—Mal o hajas tu, oh filha,  
Fóra o leite que mamaste ;  
Sendo o Conde tão bonito  
A morte que lhe causaste.  
«Acommode-se, minha mãe,



Não me faça mais zangar,  
A morte que o Conde leva  
Não lh'a faça eu levar.  
— Bem hajas, oh minha filha,  
Mais o leite que mamaste;  
Menina de doze annos  
Da morte que me livraste.

— ● —  
**O Conde de Allemanha**

*(Variante de TRAZ-OS-MONTES)*

Já o sol dava na côrte,  
E já era o claro dia,  
Inda o Conde de Allemanha  
Com a rainha dormia;  
Não no saberia el-rei,  
Nem quantos na côrte havia,  
Sabia-o a Dona Infanta,  
Filha da mesma rainha.

— « Infantinha, se o sabes,  
Não me queiras descobrir,  
Que o Conde é mui brioso,  
De ouro te hade vestir.  
« Não quero vestidos de ouro,  
Que os tenho de damasco,  
Meu pae ainda é bem novo,  
Já me querem dar padraço.  
As mangas d'esta camisa  
Não as chege eu a romper,  
Se quando vier meu pae  
Eu lh'o não fôra dizer.  
Venha, venha, senhor pae,  
Santa seja a sua vinda,



- Um conto quero contar,  
Um conto á maravilha.
- Conta, conta, minha filha,  
Que eu gosto de te ouvir!  
«Estando eu na minha cella;  
Dobando sêda amarella,  
Veiu o Conde de Allemanha  
Tres fios me tirou d'ella.
- Cala-te lá, oh filha,  
Vamos p'r'a mesa jantar,  
Que o Conde é rapaz novo,  
É menino, quer brincar.  
«Mal hajam os seus brinquedos,  
Mal haja do seu brincar,  
Que pegou em mim nos braços,  
A' cama me foi lançar.
- Dize pois, oh minha filha,  
Que castigo lhe heide dar?  
«Quero escadas dos seus ossos  
Para o jardim passear.
- Cala-te lá, oh filha,  
Vamos para á mesa jantar,  
Que amanhã por estas horas  
Vae o Conde a degolar.
- «Arrenego te, Marianna,  
Mas o leite que mamaste,  
Oh que Conde tão bonito  
E a morte que lhe causaste!  
«Minha mãe, minha mãesinha,  
Venha á janella do canto,  
Venha ver o senhor Conde  
Todo vestido de branco.  
Venha ver, oh minha mae,  
A' janellinha do pôco,  
Venha ver o senhor Conde  
Com uma corda ao pescôco.



Venha, venha, minha mãe,  
Venha p'ra sala do meio,  
Vêr o Conde de Allemanha  
Feito n'um cravo vermelho.  
— «Mal o 'hajas tu, oh filha,  
Fôra o leite que mamaste,  
Sendo o Conde tão bonito  
A morte que lhe causaste.  
«Cale-se ahí, minha mãe,  
Ninguem a ouça fallar,  
Que a morte que leva o Conde  
Não a vá você levar.



### O Conde de Allemanha

*(Versão de Celorico de Basto)*

Com o Conde de Allemanha  
Amores tem a rainha;  
Ao pae quer contar  
A filha que o sabia.

Escuita, minha filha,  
A teu pae não o digas,  
Que o Conde de Allemanha  
De seda te hade vestir.  
«Não quero da seda d'elle,  
Que os tenho de damasco;  
Ainda tenho meu pae vivo,  
E já me querem dar padraсто!

«Ora venha, meu pae, venha,  
Pelo corredor acima;  
Que lhe tenho para contar  
Uma nova maravilha.



- Estando eu a coser  
Na minha seda amarella,  
Veiu o Conde de Allemanha  
Tres fios me tirou d'ella.
- «Ora, deixa, minha filha,  
Anda-me pôr o jantar,  
Que elle é rapazinho novo,  
Fal-o-ia por brincar.
- «Mal haja os brincos d'elle,  
Mais d'elle o seu brincar,  
Que me pegou pela mão  
A' cama me quiz levar.
- «Ora, deixa, minha filha,  
Anda-me pôr o jantar,  
Que ámanhã ás tantas horas  
Vel-o-has ir a degolar.
- «Saia fóra, minha mãe,  
A' janella do quintal,  
Vêl-o Conde de Allemanha,  
Que lá vae a degolar.
- Amaldiçoada filha,  
Fóra o leite que mamaste,  
Pois um Conde tão bonito  
Tu a morte lhe causaste.
- «Escuite, escuite, minha mãe,  
Que a não ouçam na rua,  
Pois a morte que elle leva  
Não vá causar a sua.



## O Conde de Allemanha

(*Versão de Elvas — ALEMTEJO*)

Já bate o sol na vidraça,  
Já lá vem o claro dia,  
Já o conde de Allemanha  
Com a rainha dormia.  
Nem criados, nem criadas,  
Ninguém na cõrte o sabia;  
Sabe-o Dona Bernarda,  
Filha da mesma rainha,

— Tu que o sabes, oh Bernarda,  
Nao me queiras descobrir,  
Que o principe é muito rico,  
De ouro te hade vestir.

« Não quero um vestido de ouro,  
Que eu tenho os meus de damasco;  
Inda tenho meu pae vivo,  
Já me querem dar padraсто!  
As manguinhas da camisa  
Nao as chegar a romper,  
Se em meu pae vindo da missa  
Eu não lh'o fôr a dizer.

Palavras não eram ditas,  
O rei á porta a bater.

« Deus vos salve, senhor pae,  
Bõa seja a vossa vinda,  
Que succedeu aqui um caso,  
Um caso que maravilha.

— « Que tendes, Dona Bernarda,  
Que estaes agoniada?

« Que heide ter, oh meu pae,  
Tudo vos será contado:



Estando no meu tear,  
Fiando ouro e tela,  
Veiu o conde de Allemanha  
Dois fios me quebrara d'ella.

—«Cala-te, Dona Bernarda,  
Ninguem te oiça tal fallar,  
Que o Conde é muito môço,  
Fal-o-hia por brincar.

«Mal o haja a sua brinca,  
Mais tambem o seu brincar,  
Que me pegou pela mão,  
E á cama me quiz levar.

—«Cala-te, Dona Bernarda,  
Ninguem te oiça tal dizer;  
Que antes do sol se pôr  
O Conde hade padecer.

—Oh, que entérro é aquelle  
Que vae além a enterrar?  
«E' o Conde de Allemanha,  
Que meu pae mandou matar.

—«Mal o hajas tu, Bernarda,  
Mais o leite que mamaste;  
Sendo o príncipe tão bonito,  
A morte que lhe causaste.

«Cale-se, senhora mãe,  
Não me faça aleivosia,  
Que a morte que o príncipe leva  
Vossa alteza é que a merecia.  
Cale-se, senhora mãe,  
Não me faça arrenegar,  
Morte que o príncipe leva  
Inda vós a hav'reis de levar.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> A versão da Régua, apenas com variantes de palavras, tem este final:

—Que é isto, oh minha filha?  
Em que estás tu a fallar?



### A Rainha descoberta

(Versão de Elvas, do Conde da Allemanha)

Já lá vem o claro sol  
O claro luzeiro do dia,  
E o Conde de Allemanha,  
Com a rainha dormia.  
Não o sabia El-rei,  
Nem quantos na côrte havia;  
Sabia o só Juliana,  
Filha da mesma rainha.

—O que te peço, Juliana,  
Não me queiras descobrir;  
Que o Conde de Allemanha,  
De ouro e prata ha-de-te vestir.  
«Eu dou o seu ouro ao demo,  
Tambem dou os seus damascos,  
Pois se tenho o meu pae vivo,  
Para que quero eu padraсто?  
As mangueiras da camisa  
Não as chege eu a romper,  
Quando meu pae vier da missa  
Eu lh'o heide ir dizer.

Palavras não eram ditas,  
O pae que á porta chegava:

—«O que é isto, oh Juliana,  
Que estás tão apaixonada?  
«Estando eu no meu tear,  
Tecendo ouro e tela,  
Veiu o Conde de Allemanha  
Tres fios me quebrou d'ella.

---

«Com a fivella do sapato,  
Que me não quer assentar.

- «Deixa-te d'isso, Juliana,  
Que isso seria a brincar;  
Tu es nova, elle é novo,  
Isso seria zombar.
- «Eu não gosto de tal brinco  
Nem de uma tal zombaria,  
Porque o Conde me levou  
A' cama onde eu dormia.
- «Cavalleiro que tal faz  
Merece ir a enforçar.  
«P'ra maior vingança minha.  
Mande-o, meu paes, degolar.
- Oh, que sinos são aquelles  
Que eu oigo a dobrar?  
«É o Conde d'Allemanha,  
Que já lá vae a enterrar.
- Mal o haja a Juliana,  
Mais o leite que a alimentou;  
A morte de um tão bom Conde  
Juliana é que a causou.
- «Cale-se, oh minha mãe,  
Cale-se com cortezia,  
Que a morte que o Conde leva,  
Vossa mercê é que a merecia.
- Mal o haja minha filha,  
Mais o leite que mamou,  
Que a separação de mim e o Conde  
Juliana é que a causou.
- «Cale-se, oh minha mãe,  
Cale-se por seu bel estar;  
Que a morte que o Conde leva  
Nao lh'a faça eu levar.
- «Oh que rasoes sao essas  
Entre a mãe e entre a filha?  
«Quebrou-se-me um fio de ouro,  
Endireital-o não podia.



## Conde de Allemanha

(Versão de Loulé — ALGARVE)

Já lá vem a luz da aurora,  
Já lá vem o claro dia,  
Inda o Conde de Allemanha  
Com a rainha dormia,  
Sabia-o a Dona Infanta,  
Filha da mesma rainha.

— Cala-te, oh minha filha,  
Não vos queirais descobrir,  
Que o Conde é muito rico,  
De ouro te hade vestir.  
«Não quero vestidos de ouro,  
Nem de seda ou de damasco,  
Que eu tenho ainda pae vivo,  
Não me queiram dar padraço.  
As mangas d'esta camisa  
Não as chegue eu a romper,  
Se meu pae quando chegar  
Tudo lhe não fôr dizer.

Estando n'estas rasões,  
Seu pae á porta chegava: <sup>1</sup>

1

(Versão de Lagos)

.....  
N'estas rasões em que estavam  
O seu pae que alli chegava:

— «O que é isto, senhora?  
— E' uma mãe e uma filha...  
«E' o conde, oh meu pae,  
Que commigo quer zombar.  
— «Deixa-te lá, minha filha,  
Que o conde é zombador,  
Comtigo gosta de zombar.

- «O que é isso, oh minha filha,  
Por que estás tão enfadada?  
«Estava no meu tear,  
Tecendo sêda amarella,  
Vem o Conde de Allemanha  
E tres fies me tirou d'ella.  
—«Deixa lá, oh minha filha,  
Que elle é novo e quer brincar.  
«Mal haja esse seu rir,  
E tambem é seu brincar;  
Elle me pegou pela mão  
A' cama me quiz levar.  
—«Cala-te lá, oh minha filha,  
Vamos ao nosso jantar;  
Quando derem duas horas  
Eu o mandarei matar.

«Venha cá, oh minha mãe,  
Venha á janella terceira,  
Ver o Conde de Allemanha  
Que lá vaê na dianteira.  
Venha cá, oh minha mae,  
Venha á janella do canto,  
Ver o Conde de Allemanha  
Todo vestido de branco.  
Venha cá, oh minha mãe,  
A' janellinha do pôco,  
Ver o Conde de Allemanha

- «Não gosto do seu zombar,  
Nem tão pouco da zombaria!  
Se eu fosse pelo seu zombar,  
Não era Dona Maria.  
—«Filha, se isso é assim,  
Dá cá um côpo de agua,  
Que antes do sol raiar  
Vae o Conde a degolar  
.....



Com uma corda ao pescôço,  
Venha cá, oh minha mãe,  
A' janellinha do meio,  
Vêr o Conde de Allemanha,  
Parece um cravo vermelho.  
Venha, venha, minha mãe,  
A' janella do quintal,  
Vêr o Conde de Allemanha  
Que já se vae a enforçar.  
— Mui maldita sejas, filha,  
Mais o leite que mamaste!  
A um Conde tão bonito  
A morte que lhe causaste.  
• Cale-se, oh minha mãe,  
Não me faça arrenegar!  
Que a morte que o Conde leva  
Não lha faça eu levar.  
— Mui bem dita sejas, filha,  
Mais o leite que mamaste,  
És menina de quinze annos,  
E da morte a mãe livraste.



## ARCHIPELAGO DA MADEIRA

## Conde Dom Germano

*(Versão da Camacha,*

Bate lo sol na janella,  
Impina já p'ra meio dia,  
Inda Conde Dom Germano  
Mail'a rainha dormia!  
Na côrte ninguem no sonha,  
Na côrte ninguem sabia,

Senão sua filha mesma,  
Que de ciúmes ardia.

«Oh filha d'estas entranhas,  
E a quem eu tanto queria,  
Se de vos eu tal soubesse  
A ninguém lo descobria:  
Que lo conde Dom Germano  
Pezo d'oiro te daria;  
Da cabeça até 'los pés  
Damasco te vestiria.

—Pezo d'oiro tenho eu,  
E visto fino damasco;  
Inda tenho meu pae vivo,  
E já vós me daes padraсто?  
Mangas da minha camisa,  
Eu rompel-as não chegasse,  
Se, em vindo meu pae da guerra,  
Lo treidor não castigasse.

Palavras não eram ditas,  
El-rei á corte volvia,  
E, entrado em palacio,  
La infanta se carpia.—  
E el-rei lhe perguntava:

—«Que tens tu, oh minha filha?

—Ouvi, pae, se qu'reis saber  
Um caso á maravilha:  
Estava eu ao meu tear  
E fina tela tecia,  
Veiu lo conde Dom Germano  
Tres lanços d'ella desfia!

—«Cal'-te, cal'-te, minha filha,  
Não tenhas d'isso pesar;  
Que lo conde Dom Germano



- É mocinho, quer brincar.  
—Leve o deabo taes brincos  
Mail lo seu rudo brincar,  
Se elle me pegou do corpo,  
E saltou a me beijar.  
—«Alto lá, senhor condinho,  
N'isso, então, devagar;  
Paço real é sagrado,  
Vou te mandar degolar.  
—Eu vos peço, senhor pae,  
Que venha elle a matar  
No terreiro d'este paço,  
Onde elle me quiz affrontar.

Inda lo sol na janella,  
Passante já do meio-dia,  
E lo conde Dom Germano  
Vae a morrer, não dormia.  
La rasão ninguém na sonha,  
Ninguém na côrte sabia,  
Senão la infanta mesma,  
Que de ciumes ardia.

- «Arrenego de vós, filha,  
Que do meu leite mamastes!  
Estando vós sempre ao tear,  
Por que livro estudastes?  
—Arrenego de vós, mãe,  
Que nem lagrima chorastes!  
Livro por onde estudei  
Fostes vós que lo ditastes.  
E calae-vos, mãe senhora,  
Que de bom quinhão ficastes;  
Tende vós a mesma culpa,  
Lo mesmo fim não levastes.

**Conde de Germanha***(Versão de Campanario)*

Já lo sol dá na janella,  
Impina já a meio dia,  
Inda Conde de Germanha  
Com a rainha dormia ;  
La Infanta bem lo sabe,  
E ninguem mail lo sabia.

—Minha filha, que eu beijava,  
Que eu no colo dormecia,  
Guardae-me filha, segredo,  
Que ninguem descobriria ;  
Esse Conde é tão rico,  
Que de ouro te vestiria.  
«Não quero vestidos de ouro,  
Tenho-los de bom damasco,  
Ainda meu pae está vivo,  
E não quero ter padrasto.  
Las mangas d'esta camisa  
Eu não las chegue a romper,  
Se, vindo meu pae da caça,  
Eu não lhe fôra dizer.

Da caça lá vem el-rei ;  
Sua benção deu á filha.

«Ouvide vós, pae, ouvide,  
Um caso á maravilha :  
Estava no meu tear  
Lavrando na fina tela,  
Passou conde de Germanha  
E tres fios quebrou d'ella.  
—«Calae-vos, filha, calae-vos,



Deixae vós isso passar,  
Não vol-o fez elle a mal  
Se não sómente a brincar.  
«Tambem assim lo cuidava,  
E lo mandei arredar;  
Mas agarrou-me das mãos  
E ao chão me quiz levar.

—«Isso agora, filha minha,  
Não se pode perdoar;  
Defronte do meu palacio  
Vá lo conde a degolar.

Vem el rei mail la rainha,  
La infanta em seu logar,  
Com toda la fidalguia  
Lo Conde ver acabar.

«Vinde cá, senhora mãe,  
Olhae aqui d'este lado,  
Se qu'reis vér lo senhor conde  
Como vae tão descórado!  
Vinde cá, senhora mae,  
Olhae aqui d'outro lado,  
Se qu'reis vér lo senhor conde  
Como ficou de encarnado!

—De viva peçonha fôra  
Meu leite que vós mamastes!  
Vós, sem aprender a lér,  
Que cartilha estudastes!

—«Fallae, mãe, devagarinho,  
Não oiçam vosso fallar;  
Que da morte qu'elle teve  
Não vades tambem penar.

## O Conde d'Aramanha

*(Variante de Canção)*

Já dos altos dos telhados  
Lo sol p'ra baixo descia,  
Inda conde d'Aramanha  
Mail la rainha dormia!  
Não lo sonhava el-rei,  
Nem quantos na cõrte havia,  
Só la princeza real  
Este segredo sabia,  
Que da janella da alcôva  
Velou la noite á vigia.

«Mangas da minha camisa  
Não nas chegue eu a romper,  
Se, vindo meu pae da missa,  
Lhe não fôr tudo dizer.  
— Calae-vos 'hi, rica filha,  
Nada lhe vades dizer;  
Que lo conde vos dará  
Telas d'ouro p'ra romper.

«Não quero tamanhas galas,  
Tenho linho e damasco;  
El-rei meu pae nao morreu,  
Não me venhaes dar padraсто.  
Mangas da minha camisa  
Não nas chegue eu a romper,  
Se, vindo meu pae da missa,  
Lhe não vou tudo dizer.

«Subi, pae, vinde cá'rriba,  
Muito vos tenho a contar;  
Conde d'Aramanha veiu



Vossa casa devassar :  
Estava eu a tecer tela  
Nos pentes do meu tear,  
Lo atrevido do conde  
Tres fios me foi quebrar !

- «Filha, não faças monta ;  
Coisa é de perdoar :  
Fôra talvez o acaso  
Ou foi talvez por brincar.  
«Não lhe perdão tal caso,  
Tão pouco lo seu brincar ;  
Que elle agarrado a mim,  
Debaixo me quiz levar.  
— «Isso leva outra volta,  
Que bem quero castigar.  
Correi correi, mens fidalgos,  
Minhas justicas chamar.

- «Vinde cá, velhos letrados,  
Sentença no caso dar ;  
Que lo conde d'Aramanha  
Bem lo quero castigar.  
— Pena tamanha da culpa  
La culpa tem de pagar.  
Mandae-lhes vasal los olhos  
Que tão alto vão olhar :  
Mandae-lhe quebral las pernas  
Com que se foi ao logar ;  
Mandae-lhe quebral los braços  
Com que la quiz agarrar ;  
Mandae-lhe, por derradeiro,  
La cabeça degolar ;  
Todo lo corpo, n'um feixe,  
Em cinzas se vá tornar.

- «Merinhos, predam lo conde,

Frades lo vão confessar ;  
Mas basta, p'ra sua pena,  
Que só vá a degolar.

Entrementes la princeza  
E la rainha fallavam :

- «Senhora mae, vinde vêr,  
Vinde cá fóra ao balcão,  
Lá vae conde d'Aramanha  
Nos braços d'um capellão.  
—Pol a vida que te dei,  
Pol o leite que mamaste,  
Nao zombes, filha treidora,  
Da morte que lhe causaste.  
«Senhora mãe, vinde vêr,  
Depressa, devagar não :  
Lá está conde d'Aramanha,  
Já no poder do sayão.  
—Pola vida que te dei  
Polo leite que mamaste,  
Não zombes, filha treidora,  
Da morte que lhe causaste.  
«Senhora mãe, vinde vêr,  
Vinde cá a este lado ;  
Lá está conde d'Aramanha  
A rezar agiolhado.  
—Pol a vida que te dei,  
Pol o leite que mamaste,  
Não zombes, filha treidora,  
Da morte que lhe causaste,  
«Consolae-vos, minha mãe,  
Que tudo esta acabado :  
Foram dois na mesma culpa,  
E só um lo degolado



**Conde de Allemanha***(Variante do San Gonçalo)*

Vinha lo sol dos oiteiros,  
Já era claro lo dia,  
E lo conde d'Allemanha  
E la rainha dormia.  
La princeza que isto soube,  
De sua mãe e rainha,  
Foi ter com ella dizer lhe  
Que tal feito não convinha.

- Filha minha, já que sabes,  
Não descubras meu segredo;  
Que só d'el rei lo sonhar  
Toda eu tremo de medo.  
«La camisa do meu corpo  
Não na chegue eu a romper,  
Se, vindo meu pae da guerra,  
Lugo lh'o não fôr dizer.
- Filha de minhas entranhas,  
Não me sejas desleal;  
'Aqui me tens de giolhos,  
Não lhe vás tu dizer tal,  
E te darei minhas joias,  
Que são do rico metal;  
E vestido de brocado,  
Que nao ha outro igual;  
E te prometto marido  
Nado de sangue real;  
E mais te darei em dote  
Todo lo meu cabedal.
- «Erguei-vos d'ahi, mãe minha,  
Não sou eu la desleal:

Não quero las vossas jóias,  
Meus ouros tem bom metal :  
Não que vossos braceados,  
Los terei d'ouro egual:  
Meu pae me dará marido,  
Nado de sangue real ;  
Tambem dote me dará  
De mais grosso cabedal.  
La camisa do meu corpo  
Não na chegue eu a romper,  
Se, vindo meu pae da guerra,  
Logo lh'o não fôr dizer.

Palavras não eram ditas,  
Las trombetas a tocar ;  
E nas torres da egreja  
Los sinos a repicar,  
E las portas do castello  
Abertas de par em par !  
É el-rei com sua tropa  
Pelo portal a entrar ;  
E, chegando a palacio,  
El-rei logo a desmontar ;  
Todos contentes em roda,  
Só sua filha a chorar.

— « Porque carpís, filha minha,  
Em tão privaco logar ?  
« Senhor pae, são tristes novas  
Que só a vós vou contar ;  
Tomae ânimo de ouvil-as ;  
Mal lo tenho de las dar,  
Que lo conde d'Allemanha  
Vos venho denunciar :  
Emquanto, vós pae, na guerra,  
Andastes a batalhar,



Elle cá mail la rainha  
Na alcôva se iam deitar !  
— « Não los haver eu colhido  
Em seu peccado mortal !  
Que logo lo pagariam  
Na ponta do meu punhal.  
Mas d'essa tamanha culpa  
Que me daes vós por sinal ?  
« Que só elles aqui faltam  
A vos saudar no portal.

E el-rei ficou calado,  
Só comsigo a pensar,  
Quantos lo viam tremem  
Do que elle iria mandar.

— « Venham los meus saíões,  
Venham los do.s matar ;  
Ao rabo do meu cavallo  
Irá lo conde a arrastar :  
E tambem a ti, má filha,  
Não te quero perdoar ;  
Em pruvico lo dixeste,  
Minha affronta vaes penar.

Présos foram todos tres,  
Todos tres a degolar ;  
Lo conde, por ser vassallo,  
Foi levado a arrastar.  
El-rei nunca mais se viu,  
Em frade foi acabar.

## ARCHIPELAGO DOS AÇORES

## Conde de Allemanha

*(Versão da Ilha de S. Jorge)*

Já o sol dá na vidraça,  
Ai Jesus! tão claro dia!  
Ainda o Conde de Allemanha  
Com a rainha dormia!  
Não o sabia el-rei,  
Nem quantos na eôrte havia:  
Sabia-o Dona Bernarda,  
Filha da mesma rainha.

—Senhora Dona Bernarda,  
Bem nos podeis encobrir;  
Que este Conde é muito rico,  
De ouro vos hade vestir.  
«Não quero vestido de ouro,  
Que eu o tenho de damasco;  
Ainda tenho meu pae vivo,  
Já me querem dar padraсто!  
Mangas da minha camisa  
Não as chegue eu a romper,  
Se meu pae vier p'ra casa,  
Se lh'o eu não fôr dizer.

Estando com este verso,  
O pae á porta a bater:

—«Que tendes, Dona Bernarda,  
Que tendes, oh filha minha?

- Conta-me das tuas magoas,  
Que eu contarei maravilhas.  
«Estando no meu tear,  
Bordando ouro e tela,  
Veiu o Conde de Allemanha  
Dois fios me furton d'ella.
- «Calae-vos, Dona Bernarda,  
Andae p'ra meza jantar,  
Que o Conde é pequenino,  
E' menino, quer brincar.  
«Leve o diabo seus brincos,  
Mais o seu lindo brincar;  
Que me pegou pela mão  
A' cama me quiz levar.
- «Calae-vos, Dona Bernarda,  
Vinde p'ra meza jantar,  
Que o pagem de Allemanha  
A'manhã vae a matar.
- «Meu pae, se o mandar matar  
Não o enterrem em sagrado;  
Enterre-o em campo verde  
Onde se apastou o gado,  
Com um letreiro na testa,  
Um letreiro bem lavrado.  
Que o letreiro vá dizendo:  
Já morreu o namorado.==  
Senhora Dona Maria,  
Andae, chegae á janella;  
Vede o Conde de Allemanha  
A companhia que leva!  
Oh minha mãe, viade vêr  
O Conde da bizarria;  
Elle acolá vae morto,  
Leva toda a fidalguia.  
Chegue-se, senhora mãe,



Chegue á janella do mar,  
Vêr o Conde de Allemanha  
Como vae a desbancar.  
Chege-se, senhora mãe,  
Chegue a vidraça do meio.  
Vêr o Conde de Allemanha  
Como lhe fica o vermelho.  
—Eira-má te leve, filha.  
Mais o leite que mamaste!  
Era um Conde tão perfeito,  
A morte que lhe causaste!  
Oh que corpo tão pequeno,  
Maldito te seja, filha;  
Oh cadella, que mataste  
Minha leal companhia!  
Calae-vos, senhora mãe,  
Calae vos, por cortezia;  
Se o senhor pae tal soubera,  
Outro tanto lhe faria.

---

## 2

## ARCHIPELAGO DA MADEIRA

## DONA ALDA

*(Versão da Calheta)*

Dom Aldonso foi á guerra,  
Lá p'ra bandas de Leão;  
Em sua casa Dona Alda  
Está sentada no balcão:  
E passou pol' o caminho  
Lindo conde, Dom Roldão.

El conde Alemán

4 versiones del romance

colector A Thomas Pires - Alentejo

A Tradição - año 1901 p. 91 y 92

Hija que se acusa por desculpar a m. madre.  
(rei da Lamanha) ia i ao ia a

- Rev. Lusit. VI<sup>o</sup> 168<sup>o</sup> 169. Das versões de Algarbe. . . En la donia  
Gervanda a que alude C. Michaelid V. en Rev Lusit II. 234  
m'a citar versões. [= Primus<sup>a</sup>. n.º 170 ]
- F. Braga Rom. Geral p. 75- 77. p. 198. nota.
- F. Braga Rom. Azores p. 208
- Rev. Lusitana ~~XI~~ XI. p. 102 b. Trad. pop. de Atalaia por C A  
Monteiro.



El conde de Alemanha

Já lá vem o sol abaixo

Já lá vem o claro dia -

Folklore beirão

Tiene minica

Portugalia VII. fasc 2. p. 281

A. Rodrigues de Azevedo, Romanceiro do Archipelago da Madeira,  
(Punchal, 1880) (Índice de temas pan-hispánicos)

Santa Irene	17-20
Santa Teresa	31-33
Rico Franco	57-62
Gerineldo	63-72
Canción del huérfano	74
Conde Claros y la infanta (radicalmente alterado) + Canción del huérfano	72-77
Conde Claros y la infanta + Canción del huérfano + Prisionero	78-81
Conde Cláros insomne + Conde Claros y la infanta	81-98
Conde Claros y la infanta	99-103
Adúltera (6)	103-107
Delgadina	107-112
Silvana + Delgadina	112-115
Novia abandonada + No me entierren en sagrado	115-118
Conde Olinos + Novia abandonada + Conde Olinos	118-127
Conde Alarcos	127-141
Bernal Francés + Aparición	141-150
Mala hierba	150-155
Infanta deshonrada + Conde Claros fraile	156-158
Boncella guerrera	159-172
Conde Alemán y la reina	172-185
Dona Oliva	185-190
Don Duárdes + Plérida	191-201
Bella Infanta + Cautivo del renegado	202-204
Búcar sobre Valencia	204-210
Hermanas reina y cautiva	211-219
Cautivo del renegado	221-229
Fiebre amarilla	234-237
San Caterineta	238-249
Muerte del príncipe de Portugal + No me entierren en sagrado	249-251
Muerte del príncipe de Portugal	251-253
Raptor pordiosero	254-256
Linda pastora	257-261
Frei João	262-273
Dama y el segador	285-286
Infantina + Caballero burlado (radicalmente elaborado)	340-360
Infantina + Caballero burlado + Don Bueso y su hermana	360-363